

ENTRE PORTUGAL E CASTELA. PERCURSOS  
E DESTINO DE UMA LINHAGEM PORTUGUESA  
(OS PIMENTÉIS, SÉCULOS XIII-XIV)

por **Bernardo Vasconcelos e Sousa** \*

Na narrativa que abre o Título XXXV do nobiliário do Conde D. Pedro, é traçada uma biografia fortemente apologética de Vasco Martins, aí apresentado como o fundador da linhagem dos Pimentéis. Fruto da refundição que o *Livro de Linhagens* sofreu em 1360-1365, esta *história de vida* procurava responder e sobrepor-se a uma outra bem menos lisonjeira registada pelo próprio Conde de Barcelos acerca da mesma personagem. O relato sobre os feitos de Vasco Martins Pimentel termina com a referência à sua morte e às circunstâncias em que ocorreu, sublinhando que, depois de ter participado em muitas lides e de as ter vencido, acabaria por morrer no seguimento de um combate travado junto a Córdoba, no quadro da guerra que opôs Afonso X, o Sábio, ao seu filho e sucessor, o Infante Sancho, futuro Sancho IV de Castela <sup>1</sup>.

O *Livro de Linhagens* não menciona a data da morte de Vasco Martins, mas sabemos pela Crónica de Afonso X que este combate teve lugar em 1283, dele resultando uma vitória para as hostes do rei <sup>2</sup>.

---

\* Universidade Nova de Lisboa.

<sup>1</sup> *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, ed. crítica por José Mattoso, I, Lisboa, Academia das Ciências, 1980, 35. pp. 393-396 (doravante citado como *LL*). Sobre a transmissão textual do *Livro de Linhagens*, os problemas inerentes a essa transmissão e as duas refundições que sofreu, em 1360-1365 e em 1380-1383, consulte-se José Mattoso, na "Introdução" à citada edição do *LL*, pp. 7-54.

<sup>2</sup> "Crónica del Rey Don Alfonso Décimo", in *Cronicas de los Reyes de Castilla*, I, Madrid, 1953, Cap. LXXVII, p. 63. A Crónica descreve o combate travado em 1283 junto a Córdoba, entre os apoiantes do infante, que dominavam a cidade, e

Voltando ao que diz o nobiliário, a descrição do passamento do cavaleiro português é enfatizada pela relação directa que se estabelecera com a pessoa e a causa do rei castelhano. O "*gram pesar*" do monarca e dos seus partidários pelo falecimento do Pimentel sublinha a falta que este lhes fazia para as tarefas com que se encontravam confrontados. E, segundo se escreve, os factos viriam a confirmar tais temores, pois "*dali adeante foram de pequena defensom*"<sup>3</sup>, evidenciando a grande perda que o desaparecimento de Vasco Martins representara para os exércitos de Afonso X.

Mas o que levava este cavaleiro português a abandonar o país e a terminar os seus dias combatendo ao lado do monarca castelhano? Figura de origens obscuras e de acção controversa na fase final do reinado de Afonso III, de quem chegou a ser meirinho-mor em "*todo o reino de Portugal*", Vasco Martins partira para Castela no início do governo de D. Dinis, fortemente incompatibilizado com o novo soberano. Uma vez mais o *Livro de Linhagens* nos dá conta desta situação, dizendo que "*por sanha que del houve el rei sem razom, foise a Castela*", com duzentos e cinquenta cavaleiros bons fidalgos<sup>4</sup>.

No entanto, o relato do nobiliário não refere as razões que estiveram na base desta incompatibilização e os motivos da ruptura escapam igualmente às fontes disponíveis. Nada nos permite, portanto, estabelecer com rigor as causas desta queda em desgraça de uma figura que ainda nos primeiros anos do reinado de D. Dinis (até meados de 1281) continuava a exercer o importante cargo de meirinho-mor do reino. Não seria, porém, de estranhar a multiplicação das intrigas cortesãs dirigidas contra quem tinha sido um zeloso executante da estratégia anti-senhorial de Afonso III. A vontade de vingança contra Vasco Pimentel devia ser grande e os pontos fracos do meirinho seriam certamente suficientes para que ela se pudesse concretizar<sup>5</sup>.

A conjuntura política que se seguiu à subida ao trono do novo monarca é mal conhecida, embora se saiba que foi atravessada por divisões e confrontos que chegaram a ser violentos entre o recém-entronizado rei e o seu meio-irmão, o infante D. Afonso. No

---

os partidários do rei, seiscentos cavaleiros comandados por Fernão Peres Ponce, que "*vencieron a los de Cordoba*". A fonte não refere, todavia, o nome de Vasco Martins Pimentel.

<sup>3</sup> LL. 35. p. 396.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> Sobre a acção de Vasco Martins Pimentel como meirinho-mor do reino, veja-se Bernardo Vasconcelos e Sousa, *Os Pimentéis. Percursos de uma Linhagem da Nobreza Medieval Portuguesa (Séculos XIII-XIV)*, Lisboa, FCSH-UNL, tese de doutoramento polycopiada, 1995, sobretudo pp. 151-160 e 178-179.

seguimento deste conflito houve mesmo elementos da mais alta aristocracia da corte do *Bolonhês* que se refugiaram no reino vizinho, como foi o caso de Martim Gil de Riba de Vizela e João Peres de Aboim, ambos acompanhando a rainha viúva D. Beatriz no regresso para junto do seu pai, o rei Afonso X de Leão e Castela <sup>6</sup>. A conhecida decisão de D. Dinis, datada de 6 de Dezembro de 1283, de revogar todas as doações que concedera desde que começara a reinar até essa data, invocando que as fizera "*en tempo que nom devem valer*" e acrescentando "*que foy y engano*" <sup>7</sup>, demonstra bem as condições anómalas que o próprio rei considerava terem existido nessa primeira fase da sua governação.

Tendo Vasco Martins Pimentel saído de Portugal entre a segunda metade de 1281 e 1283, ano em que, como vimos, veio a encontrar a morte junto a Córdoba, é muito provável que este exílio em Castela se tenha ficado a dever ao seu envolvimento nos conflitos que marcaram os primeiros tempos do governo de D. Dinis. Apesar de o novo monarca o haver mantido como meirinho-mor, não seria impossível que Vasco Martins tivesse dado o seu apoio, real ou aparente, ao infante D. Afonso, irmão e rival de D. Dinis e em torno do qual se haviam agrupado os elementos mais próximos de Afonso III <sup>8</sup>. Os primeiros confrontos terão ocorrido precisamente em 1281, levando o infante a procurar refúgio em Sevilha junto da corte de Afonso X.

Por outro lado, a intervenção dionisina no quadro geral das relações entre os reinos cristãos peninsulares levará o monarca português a tomar o partido do infante Sancho, futuro Sancho IV de Castela, na guerra civil que entre finais de 1282 e o início de 1284 o opôs ao pai, Afonso X <sup>9</sup>. O esforço desenvolvido pelo herdeiro do trono castelhano no sentido de obter múltiplos apoios seria, de resto, coroado de êxito não só em Portugal mas também em Aragão, com Pedro III a aliar-se ao infante revoltoso <sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> José Augusto P. de Sotto Mayor Pizarro, "D. Dinis e a Nobreza nos finais do século XIII". *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. IIª Série. X, 1993, p. 96.

<sup>7</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Chancelaria de D. Dinis. Livro I. fl. 83.

<sup>8</sup> José Antunes, António Resende de Oliveira e João Gouveia Monteiro, "Conflitos políticos no reino de Portugal entre a Reconquista e a Expansão. Estado da questão". *Revista de História das Ideias*, nº 6, 1984, pp. 113-114.

<sup>9</sup> Sobre a posição de D. Dinis neste conflito, veja-se José Mattoso, "As relações de Portugal com Castela no reinado de Afonso X, O Sábio", in *Fragments de uma Composição Medieval*, Lisboa, 1987, pp. 90-93 e, do mesmo Autor, *A Monarquia Feudal (1096-1468)*, vol. II da *História de Portugal*, dir. pelo mesmo, pp. 149-150.

<sup>10</sup> Acerca desta guerra entre Afonso X e o seu filho Sancho, veja-se Antonio Ballesteros Beretta, *Alfonso X El Sabio*, 2ª ed., Barcelona, 1984, pp. 953-1050 e.

É, aliás, possível que à atitude de D. Dinis não tenha sido alheia a protecção dispensada pelo soberano castelhano ao opositor do rei de Portugal, o referido infante D. Afonso. Não deixa de ser sintomático do elevado grau da incompatibilidade gerada entre o monarca português e o seu ex-meirinho-mor que este tenha ido engrossar os exércitos do Rei Sábio na luta contra o filho e herdeiro do trono. Vasco Martins Pimentel via gorar-se a sua carreira política no país de origem, mas retomava a condição de intrépido cavaleiro vocacionado para os feitos de armas, agora ao serviço do rei de Castela e dando combate ao infante aliado do seu antigo soberano. A morte causada pelos ferimentos sofridos no campo de batalha terá cerceado o recomeçar de uma carreira militar ou política junto de um outro monarca e, sobretudo, afastou em definitivo toda e qualquer hipótese de reconciliação com D. Dinis.

Na ida para Castela, Vasco Martins terá sido acompanhado pelos seus filhos ou, pelo menos, por um deles, de nome Fernão Vasques Pimentel. Através do *Livro de Linhagens* sabemos que casou com "*Dona Maria Rodriguez, filha de Rui Martiiz de Mont'Amarta*"<sup>11</sup>, uma localidade junto à cidade leonesa de Zamora, o que aponta, pois, para que também este filho de Vasco Martins Pimentel tenha passado a fronteira, fixando-se no reino vizinho. Isso mesmo é, aliás, confirmado pelo facto de Fernão Vasques receber sete mil maravedis de renda, entregues por Sancho IV de Castela, segundo um registo deste rei datado de 8 de Agosto de 1294<sup>12</sup>. Fernão Vasques terá, portanto, permanecido em Castela pelo menos entre cerca de 1281 e 1294, tendo muito provavelmente combatido ao lado de seu pai nos exércitos de Afonso X, mas passando a servir Sancho IV quando este sucedeu ao Rei Sábio. Apesar de ter defrontado militarmente os apoiantes do então infante Sancho, não terá tido grande relutância em passar a servir o novo monarca quando este chegou ao trono.

No início do ano de 1300 temos notícia de que Fernão Vasques já havia regressado a Portugal, tendo mesmo alcançado a reabilitação junto de D. Dinis. De facto, ao conceder carta de legitimação a um bastardo de Vasco Martins Pimentel, de nome João

---

numa abordagem sintética. Luis Suarez Fernandez, *Historia de España. Edad Media*, Madrid, 1970, pp. 325-326 e José Luis Martín, *La Península en la Edad Media*, 2ª ed., Barcelona, 1980, pp. 429-432.

<sup>11</sup> LL. 35G2, p. 400.

<sup>12</sup> Num livro de distribuição de rendas reais e de gastos da Casa real no reinado de Sancho IV, surge, na referida data, a indicação de ter sido paga aquela soma a "*Ferrán Vasques Pimentel*". O documento foi publicado na íntegra por Mercedes Gaibrois de Ballesteros, na *Historia del reinado de Sancho IV de Castilla*, I. Madrid, 1922, aparecendo aquele cavaleiro português na p. LXXII.

Vasques, o soberano fazia saber que a mercê era dada "*a rogo de Fernam Uaasquiz e de Steuam Vaasquiz*"<sup>13</sup>, meios-irmãos do agraciado. Os termos do documento registado na Chancelaria régia demonstram, pois, que Fernão Vasques não só estava em Portugal como dispunha de acesso directo à pessoa do rei.

Apesar do regresso a Portugal e da reabilitação dos descendentes do chefe da linhagem ainda com D. Dinis, a memória do exílio e a referência de Castela jamais terão desaparecido, quer nesta, quer nas gerações seguintes. O próprio Fernão Vasques terá servido mais tarde, entre outros senhores, D. João Afonso de Albuquerque, como o refere a introdução a uma cantiga de escárnio na qual o Pimentel é ferozmente zurzido<sup>14</sup>.

Um outro filho de Vasco Pimentel, de nome Estevão Vasques, veio a ser prior da Ordem do Hospital. Para o seu ingresso na milícia de S. João, ocorrida por volta de 1294, terá sido decisiva a influência da família de um seu cunhado, Gonçalo Peres Pereira, cujo irmão e homónimo fora, entre 1269 e 1291, grão-comendador da Ordem em Espanha. Outros membros da linhagem dos Pimentéis foram freires hospitalários<sup>15</sup>, denotando uma ligação privilegiada entre ambos. Ora, num estudo recente, foi já posta em destaque a missão providencial que esta ordem religioso-militar reclamava para si no âmbito da reconquista ibérica, com o objectivo de restaurar integral e definitivamente a fé cristã na Hispânia<sup>16</sup>. O quadro peninsular sobressai, pois, uma vez mais, como referência recorrente na trajectória da linhagem, já em pleno século XIV. Refira-se, a este propósito, que, segundo a lâmina de bronze colocada junto à sua campa rasa no mosteiro de Leça do Bailio, o prior Estevão Vasques Pimentel faleceu em meados de Maio de 1336; os termos do

---

<sup>13</sup> ANTT. Chancelaria de D. Dinis, Livro 3, fl. 9v, de 31 de Janeiro.

<sup>14</sup> Embora o corpo da composição não inclua o nome do visado, a notícia explicativa que acompanha o poema nos cancioneiros medievais é bem explícita ao afirmar que "*Esta cantiga foi feita a un cavaleiro que ouve nome Fernan Vaasquez Pimentel, que foi primeiro vassallo do Conde Don Pedro, pois partiu-se dele e foi-se pera Don Joan Afonso d'Albuquerque...*"; cf. *Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803)*, reprodução facsimilada, Lisboa, 1973, p. 371 e *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti). Cód. 10991, 1. Reprodução facsimilada*, Lisboa, 1982, fl. 301 (com a notícia em versão truncada). Veja-se, também, *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*, ed. Manuel Rodrigues Lapa, 2ª ed., s.l., 1965, nº 198, p. 303.

<sup>15</sup> A título de exemplo, veja-se LL, 35A2, p. 397.

<sup>16</sup> Cf. Luís Krus, *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, Lisboa, 1995, sobretudo pp. 311-312.

respectivo epitáfio dão bem conta do carácter predestinado desse "prior dos priores", "abençoado entre a sua estirpe"<sup>17</sup>.

Quando, no seguimento da crise dinástica aberta pela morte de D. Fernando, em 1383, a nobreza portuguesa se divide face aos contendores em presença, o então mais destacado membro dos Pimentéis, João Afonso Pimentel, senhor de Bragança e Vinhais, fortemente ligado por laços familiares ao círculo de Leonor Teles - já que era casado com Joana Teles, uma meia-irmã da rainha - acabará por tomar o partido de Castela. Após a morte de D. Fernando, João Afonso pautou sempre a sua atitude pela defesa dos seus interesses próprios. O apoio e o acompanhamento inicialmente dispensados a Leonor Teles e a D. Beatriz eram naturais em quem, de facto, estava familiarmente muito próximo da rainha, a ela devendo em larga medida a preeminência social de que gozava. Nos anos que se seguiram João Afonso mudou várias vezes de campo, entre Portugal e Castela, entre o novo monarca D. João I e o também português infante D. Dinis, pretendente ao trono. Ao sabor dos acontecimentos e sobretudo à medida das suas conveniências, João Afonso Pimentel foi negociando o apoio ao antigo Mestre de Avis ou a Henrique III de Castela, consoante melhor pudesse alcançar mercês e privilégios.

Foi, aliás, neste quadro, que em 1398 se fixou nas terras leonesas de Benavente, recebendo o respectivo título de conde e dando origem a uma das mais importantes Casas da nobreza de Castela, mas sem que com isso abandonasse então as suas pretensões em território português<sup>18</sup>. O que sobressai da posição de João Afonso Pimentel não é tanto a adesão à causa dos reis portugueses ou castelhano, mas sim a reiterada defesa dos seus objectivos de grande senhor, localizasse-se o centro dos seus domínios em Bragança ou em Benavente. A razão da conduta de João Afonso Pimentel não derivava, portanto, de um qualquer sentimento nacional ou, sequer, da noção de fidelidade a um ou outro monarca. Tirando partido do que

---

<sup>17</sup> Sobre esta importante lápide, a sua inscrição e a sua iconografia, veja-se Mário Martins. "Epitáfios em Latim rítmico", in *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, II, Braga, 1969, pp. 95-110, Mário Barroca, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho. Séculos X a XV*, Porto, Faculdade de Letras, dissertação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica policopiada, 1987, pp. 406-407 e 473-474 e Bernardo Vasconcelos e Sousa, *op. cit.*, pp. 252-257.

<sup>18</sup> Sobre João Afonso Pimentel e o seu posicionamento face à crise dinástica dos finais do século XIV veja-se Isabel Beceiro Pita, "Los Pimentel, señores de Braganza y Benavente", in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, I, Porto, 1987, pp. 317-331 e Bernardo Vasconcelos e Sousa, *op. cit.*, pp. 431-475.

seria, por certo, uma sólida capacidade militar e das funções que por esse motivo podia desempenhar numa região de fronteira entre os dois reinos. João Afonso aproveitou com habilidade as circunstâncias de crise política e de guerra em que se envolveram Portugal e Castela. O que o movia era uma típica lógica senhorial de defesa e alargamento dos seus poderes e dos seus interesses, tanto territoriais como jurisdicionais.

\*  
\*            \*

Entre 1283, quando Vasco Martins Pimentel encontra a morte junto a Córdoba, ao serviço de Afonso X, e o final da centúria seguinte, quando o seu trineto João Afonso se fixa em Benavente, medeiam cerca de um século e quatro gerações de uma linhagem cujos membros, de modo recorrente, circularam entre Portugal e Castela. A fronteira política, essa linha imaginária que laboriosamente se pretendeu estabilizar em Alcanizes, jamais inibiu os Pimentéis de passarem de um reino para o outro, ao sabor das conjunturas políticas, é certo, mas sobretudo em função das circunstâncias das suas vidas e da sua condição de cavaleiros-guerreiros, de vassalos ao serviço de um suserano ou de indivíduos concretos de uma linhagem que regiam a sua actuação por critérios próprios dos grandes senhores.

Ora, nesta lógica guerreira e senhorial, a demarcação das fronteiras políticas entre os reinos não tem significado. As repetidas passagens de Portugal para Castela e de Castela para Portugal e as histórias de vida de alguns dos mais eminentes representantes da linhagem dos Pimentéis, entre finais do século XIII e finais do XIV, aí estão para o ilustrar.

